

A crônica como gênero mediador na formação/atuação do intelectual brasileiro no entresséculo XIX-XX

*Maria Isabel Edom Pires**

As relações entre literatura e jornalismo no Brasil têm uma história construída dentro e fora do texto literário, de onde se podem observar alguns momentos fundamentais, resultados ora do confronto ora do estreitamento entre os dois campos.

Podemos destacar a década de 30 do século XIX como um período fecundo das manifestações literárias na imprensa, com o surgimento da crônica e do romance-folhetim; e o entresséculo XIX-XX como o período de profissionalização dos literatos, bem como de amadurecimento dos gêneros citados.

Para os literatos de então, os jornais serviram como veículos de muitas idéias importantes, as quais, por sua vez, reverberam algumas questões e embates do tempo histórico. Não foi sem conflito que esses escritores enfrentaram as páginas dos jornais.

Por estranho que pareça, alguns pesquisadores insistem em relegar os estudos das produções dos escritores para a imprensa a plano secundário (quando não ignoram simplesmente), o que os faz perder muito da capacidade (dificuldade?) dos autores de lidar com a palavra por meio de outro suporte que não o livro. Com a rejeição às páginas dos jornais, o analista perde a noção de conjunto da obra dos autores, e as histórias literárias deixam incompleto um horizonte complexo que se origina nas relações entre atuações e registros tão diversos como os da literatura e do jornalismo.

Na leitura das crônicas de Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto, pude perceber a importância da crônica como gênero mediador na sua formação e atuação intelectual. O estudo isolado de poesia, do romance e dos contos desses escritores não contempla a complexidade de suas obras, que são melhor dimensionadas no momento em que a elas se acrescenta o estudo da crônica. Também, para ampliar a noção que possamos ter do período em que atuaram e das inflexões que o gênero operou no ambiente intelectual, a perspectiva comparatista mostrou-se imprescindível,

desenhando o perfil do intelectual brasileiro do início do século XX, que não é homogêneo, uniforme nem fixo.

O gênero tem sido testemunho de transformações políticas e sociais desde suas primeiras manifestações no Brasil, mesmo que, em dados momentos, revele o imobilismo do pensamento intelectual. Entretanto, ao buscarmos os modos de interlocução com o público leitor, as inflexões sobre o senso comum, as mediações, enfim, entre os leitores e os escritores, encontramos algumas revelações acerca do campo intelectual, que, tal como ensina Bourdieu, só se deixa ver por meio do jogo que configura e das regras que o regem.

A comparação entre as crônicas dos três autores, mesmo apontando para uma proximidade aparente, tem mostrado na sua formatação uma diferença que os afasta e os posiciona em lugares divergentes no mesmo campo, pela mediação mesma do gênero que praticaram.

A pesquisa que realizo pretende abarcar a obra dos três autores. Por ora, apresento um diálogo entre Olavo Bilac e João do Rio, cheio de mútuos elogios, delicadezas, respeito e admiração, que não oculta, entretanto, um distanciamento enunciativo entre os dois.

O surgimento da literatura industrial, objeto de rejeição pelos criadores¹, obrigou os escritores a uma tomada de posição, a qual Olavo Bilac e João do Rio responderam de forma diferenciada. Nesse período de constituição de gêneros ditados pelos jornais, impõe-se uma divergência em relação à hierarquia entre os gêneros e os autores, sob o ponto de vista do sucesso comercial e do prestígio². As declarações de Olavo Bilac acerca do jornalismo e da literatura³ dizem bem sobre as preocupações do momento: ora considera o jornalismo um bem, o único meio de o escritor se fazer conhecer naquele momento (entre 1904 e 1905), ora considera uma forma de prostituir o talento dos escritores. Como conselho a um jovem escritor, sugere que morra de fome, mas que não ingresse no jornalismo, ou, pelo menos, não abdique de sua arte em nome da sujeição ao sucesso imediato.

Bilac experimenta muitas posições no campo intelectual, mas duas delas podem esclarecer sobre a representação do intelectual no momento: a do poeta prestigiado, do “criador”, cuja obra reveste-se da intocabilidade conferida aos gênios (note-se o sucesso que obteve em vida); e a do jornalista, formador de opinião, com credibilidade e sucesso comercial. Ele próprio não fugiu às contradições do momento, antes, vivenciou-as plenamente, não abdicando dos prêmios, do dinheiro e do status. A análise de sua obra resistiu por muito tempo à verificação das condições sociais de produção, mas enfrenta agora uma reavaliação que começou com o estudo que Antonio Dimas publicou em 1983⁴ sobre a Revista *Kosmos*, onde Bilac

publicou 46 crônicas. Apoiado na divisão gramsciana entre intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos, Dimas afirma ser esquemático e inadequado tomar Bilac como um intelectual orgânico, considerando que “sua atitude colaboracionista fundava-se sobre uma cultura essencialmente livresca e, pois, ‘eclesiástica’”⁵.

João do Rio constrói uma imagem menos austera, publica reportagens, investiga os quatro cantos do Rio de Janeiro, é escritor multifacetado, ora estreitando-se pelo submundo da cidade, ora falando sobre a alta roda e suas diversões no chá das cinco, ora deslumbrando-se com as novidades técnicas. A crítica literária brasileira tem tido dificuldades de se aproximar de sua obra, embora sejam cada vez mais freqüentes os estudos sobre o autor carioca. Talvez seja possível apontar algumas dificuldades de abordagem: primeiro, por ter sido sucesso e escândalo na época, e, conseqüentemente, por sua obra não constar das histórias literárias (ou por aparecer um registro sutil), de algumas antologias (à exceção do conto “O bebê de tarlatana rosa”, dos poucos textos mais divulgados até os anos 80), do *corpus*, enfim, da literatura que se estuda no período “pré-modernista”; segundo, porque sua obra, ao misturar crônica, reportagem e ficção foge aos padrões canônicos do literário e, portanto, do que deve ser objeto de estudo para a área. O cronista carioca, não tendo sua obra reeditada, deixou de ser lido por muitas gerações. Foi com espanto e admiração que muitos alunos do curso de Letras nas décadas de 1980 e 1990 passaram a conhecer algumas de suas obras⁶, e é com muito interesse, pelo menos na minha própria experiência, que eles têm lido o cronista. Em alguns momentos, nessa prática do estudo da crônica, parece que, apesar de toda a admiração e interesse que possuem pelo autor, os jovens analistas preferem os autores consagrados, movendo-se no território seguro dos “criadores” e dos gêneros bem aceitos.

Muito da dificuldade de encarar a produção literária do entresséculo deriva do desconhecimento da formação do campo intelectual, do temor em lidar com as fronteiras entre os gêneros, dos rótulos impostos pela crítica bem comportada aos autores “menores”, “intervalares”, da pouca preocupação em perceber o confronto e a comunicabilidade entre literatura e jornalismo.

Sérgio Miceli, aos estudar a trajetória social dos escritores da República Velha, acrescenta outro argumento ao descrédito do período:

O termo pré-modernismo constituiu um recurso político dos modernistas com o qual dataram os detentores da autoridade intelectual na década de 1920: seriam os epígonos das escolas dominantes no final do século XIX, os deserdados das grandes causas políticas – como, por

*exemplo, a Independência para os românticos, o abolicionismo e o movimento republicano para a geração naturalista -, os importadores otimistas das escolas européias periféricas ao simbolismo, os descristianizados*⁷.

O autor também destaca a importância da imprensa para a consagração dos escritores e a formação de novos gêneros:

*Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros havia pouco importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica*⁸.

Constatada a participação de Bilac e João do Rio na vida intelectual com perfis distintos, cabe expor seus julgamentos acerca da concepção de literatura e suas atuações no limite entre os dois campos.

A atuação prática e persuasiva de Bilac na construção do ideário republicano, especialmente no que tange às reformas urbanas pelas quais passou o Rio de Janeiro, não macularam a imagem do poeta da “arte pela arte”. No inquérito, já mencionado, que João do Rio realizou sobre o momento literário, a imagem construída revela-se fantasmática, emoldurada que está por símbolos que denotam o isolamento do artista e seu poder como “criador”:

A casa do poeta é de uma elegância delicada e sóbria. Ao entrar no jardim, que é como um país de aromas, cheio de rosas e jasmims, ouvindo ao longe o vago anseio do oceano, eu levava n’alma um certo temor. Eram oito horas da manhã, apenas oito horas. A rua parecia acordar naquele instante, os transeuntes passavam com o

ar de quem ainda tem sono, e o próprio sol, muito frio e formoso, parecia bocejar no lento adelgaçar das névoas.

— *Só muito cedo encontrar-me-ás em casa, dissera ele, e eu mesmo sabia que o cantor do Caçador de Esmeraldas acorda às cinco da madrugada, escreve até as dez, sai e não recolhe senão depois da meia-noite, porque o entristece ficar num gabinete sem outra alma, à luz dos bicos de gás.*

— *Quando, porém, ia tocar o timbre de um velho bronze, o meu receio desapareceu.*

— *Estavam as portas da sala abertas e eu via Bilac curvado sobre a mesa a escrever.*

— *Pode-se importunar?*

— *Ó ave madrugadora! Tu por aqui?*

Ergueu-se com a sua aristocrática distinção. Estava todo vestido de linho branco, a camisa alva com punhos e colarinhos duros⁹.

A descrição da sala, logo a seguir, dá conta das telas, dos divãs, das porcelanas que guarneciam a casa do poeta, fruto da fantasia do jornalista que assim fortalecia em torno de Bilac a redoma do “artista”. Mais tarde, João do Rio, em *Ramo de Loiro*, de 1921, presta o seguinte depoimento sobre o poeta:

Nunca fui íntimo de Olavo Bilac, apesar de o conhecer desde os mais tenros anos. Nunca fui íntimo por uma questão de respeito. Os grandes artistas, absolutamente excepcionais, sempre, em todas as terras e em todos os tempos, por mais alegres e civilizados, são o eco doloroso das dores e dos esforços da Humanidade. Conseqüentemente pela sua altitude moral – isolados. A amizade é um dos maiores e mais delicados sentimentos. O grande artista pode ter estima por um pobre-diabo, pelo mediocre, pelo homem de talento mesmo. Mas é ele que admite a intimidade da amizade. (...)

Mas eu era menino de primeiras letras e já conhecia Bilac, graças a relações de minha família com casas onde Bilac ia, onde se falava de Bilac. Era no fim da monarquia. O bando literário – aquela fulgurante geração que deu o gênio de Aluizio Azevedo, deu Coelho Neto, D. Júlia Lopes de Almeida, Artur Azevedo, Luís Murat, Guimarães Passos, José do Patrocínio, Ferreira de

Araújo, geração que fez a Abolição, fez a República e foi a última geração literária do Brasil – dominava a cidade. Havia muitos talentos. Por esses talentos e por todos que liam, Bilac era considerado o Grande, o Incomparável. (...)

Nunca mais esqueci aquele momento em que eu criança, me batia contra um enorme sorvete de creme na Confeitaria Pascoal, e ouvi a Baronesa de Mamanguape dizer:

- Oh! Senhor Olavo Bilac!

Estava diante da linda senhora um jovem radiante, seguro de sua força, que eu não podia dizer se era feio, se era bonito, porque era fascinador, irresistivelmente fascinador. Foi a primeira vez que vi o Poeta. Eu desejava ser assim e tinha talvez sete anos¹⁰.

O fragmento mostra a fascinação que o poeta exerceu sobre toda uma geração. Apenas 16 anos de idade separam João do Rio de Bilac. Quando, portanto, João do Rio encontra o ídolo na confeitaria, o poeta contava apenas 23 anos. O texto faz parte de uma coletânea de ensaios publicada em 1921, ano da morte de João do Rio. As avaliações que faz, portanto, sobre geração, literatura, prestígio, desejo de ser como o poeta, não são imediatistas. A distância, mais do que cronológica, deixa-se ver pela admiração que o cronista devota aos que considera os verdadeiros escritores, aqueles que formam o que ele chama de “última geração literária do Brasil”. Da forma como se refere aos consagrados, João do Rio aparta-se deles, pois, enquanto eles produziam “literatura”, ele praticava o jornalismo investigativo, construía novos gêneros, sintonizado com o espírito moderno. Na crônica “O reclamo moderno”, ele empresta a voz ao poeta Pedreira, que sentencia: “Não há boas qualidades: há reclame, há concorrência, há a intensidade do reclame do rumor. Todos nós estamos à porta de uma barraca de feira, ganhando a excelência dos nossos produtos”¹¹.

Por sua vez, Bilac, na introdução ao seu livro *Ironia e Piedade*, arrola alguns motivos que o levaram a escrever na *Gazeta*: a ambição literária, o desejo de estar ao lado de gente ilustre como Machado de Assis, de adquirir consagração, publicidade, celebridade, de ter, enfim, um “lugar certo na mesa”.

Ao comentar a obra *As religiões do Rio*, em crônica de 1904, Bilac refere-se ao autor por “meu companheiro”, tecendo elogios às reportagens publicadas por João do Rio. Há inúmeros aspectos, na consulta às respectivas biografias e a outros textos, que revelam a paridade entre os

autores e a enorme influência que a composição do campo jornalístico exerceu sobre ambos. Ferreira de Araújo, o criador de alguns criadores do momento, aparece como uma figura aurática, cujo poder também se constrói na relação com os escritores. Depois de contar com Machado de Assis como cronista, o ingresso de Bilac naquele canto de página da *Gazeta* aciona mais uma vez o capital simbólico e dá continuidade a um espaço de consagração. Para Bourdieu, o criador dos criadores não descobre nada, apenas dinamiza o jogo. A eficácia dos atos de consagração reside no próprio campo.

O fascínio pela consagração que ambos desenvolvem e cultivam no início do século XX é impulsionado por meio da exposição na imprensa, especialmente pela publicação das crônicas e reportagens. Os gêneros jornalísticos funcionaram como um ritual de ingresso no campo intelectual. Tem-se, nos relatos que transcrevemos, o papel do autor como “aquele que ultrapassa os limites do texto e alcança o território biográfico, histórico e cultural”¹².

Resta mostrar que a autonomia estética pregada por Bilac, mas diluída em parte por sua representação na vida pública, não foi para João do Rio um impedimento para a militância no jornalismo nem para a audácia com que enfrentou um território que ele entendia como sagrado. Por meio de textos, como os de *A alma encantadora das ruas*, João do Rio, a despeito de uma retórica que o aproximava de Bilac, experimentou desafiar as fronteiras entre os gêneros e tornar visível uma certa visão do Rio de Janeiro que as lentes do poeta dos alexandrinos não quis ou não chegou a alcançar. Juntos na seara intelectual, controlada pela elite republicana, preocupada nas primeiras décadas do século XX em erigir uma imagem de austeridade e segurança que pudesse dar continuidade às relações internacionais, cabe indagar se suas obras constroem a representação de intelectuais como meros “prepostos”¹³ dos grupos dominantes, ou se, além disso, revelam posições individuais, personalidades intelectuais dicotomizadas¹⁴, impasses em relação ao campo político. Pelo desempenho em um gênero que não comporta a discussão vertical dos assuntos, suas atuações constroem uma representação multifacetada da realidade, imagem que se deixa apreender melhor na comparação entre os pares, entre as obras e nas margens dos campos cotejados.

Notas

* Professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília/UnB

¹ Bourdieu, especialmente em *As regras da arte* e *A economia das trocas simbólicas*, coloca em suspensão a ideologia carismática da “criação”, discutindo as condições sociais que tornam possíveis os autores. O sociólogo chama de questão proibida a que indaga sobre quem criou o criador e o seu poder. Quando a questão é enunciada, diz o autor, percebe-se que o artista que cria é ele próprio feito no interior do campo de produção, por todos os que contribuem para descobri-lo e fazê-lo reconhecido.

² As particularidades dos gêneros no século XIX são estudadas por Bourdieu em *As regras da arte*, mostrando que os critérios que os distinguem fazem o campo literário progredir em direção à autonomia.

³ Ver a entrevista concedida a João do Rio, em *O momento literário*.

⁴ DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos*. O autor organizou a coletânea de crônicas *Vossa Insolência*, publicada em 1996, e é responsável por dar a conhecer ao meio acadêmico o perfil de Bilac cronista.

⁵ *Tempos eufóricos*, p. 53.

⁶ Cabe citar alguns estudos importantes sobre a produção literária de fins do século XIX e início do século XX na qual a obra de João do Rio é mencionada: *Cinematógrafo de letras*, de Flora Süssekind, 1987; *Literatura como missão*, de Nicolau Sevcenko, 1983; “Antigos modernistas”, de Francisco Foot Hardmann. Deve-se destacar os precursores no estudo da obra do cronista carioca, como Raul Antelo, Carmem Lúcia Tindó Secco, Luís Martins, João Carlos Rodrigues, entre outros. Entre os estudos mais recentes, destacam-se os de Orna Levin, Renato Cordeiro Gomes, Antonio Edmilson Martins Rodrigues. Também merece destaque o trabalho dos pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa que promoveram a pesquisa e reedição de muitas obras do período, entre elas *A correspondência de uma estação de cura*. Não menciono aqui as teses e dissertações acadêmicas por não dispor de dados concretos atualizados. João do Rio é estudado nos cursos de Jornalismo como o precursor da reportagem investigativa.

⁷ MICELI, Sérgio. “Poder, sexo e letras na República Velha” (publicado originalmente em 1977), em *Intelectuais à brasileira*, 2001, p. 16.

⁸ Idem, p. 17.

⁹ *O momento literário*, pp 10-11. Em ensaio posterior, João do Rio confessa que criou a ambientação para a entrevista e que Bilac teria concordado.

¹⁰ João do Rio. “O segundo Bilac”, in MARTINS, Luís. *João do Rio: uma antologia*, pp 112-113.

¹¹ João do Rio. *Vida vertiginosa*, p. 71

¹² SOUZA, Eneida Maria de. “A crítica biográfica como articulação entre os estudos literários e culturais”, in <http://www.letras.ufmg.br/gt/art-eneidabh.htm>.

¹³ Para Gramsci, “os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político”, in *Cadernos do cárcere*, p. 21.

¹⁴ Expressão utilizada por Dimas, ao analisar as crônicas de Bilac em *Tempos eufóricos*, p. 61.

Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. *Obras Completas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BILAC, Olavo. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. “A influência do jornalismo”, in *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. “Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe”, in *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos*. São Paulo, Ática, 1983.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época: biografia*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.
- MARTINS, Luís. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PIRES, Maria Isabel EDOM. “João do Rio e as prefigurações do jornalismo no início do século XX”, in *Cadernos Literários*, vol. 6. Rio Grande: Editora da FURG, 2001.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro, ed. UFRJ/ed. UNICAMP, 1993.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994.
- _____. *Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.
- RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Endereços eletrônicos

- LAJOLO, Marisa. “Jornalistas e escritores: a cordialidade da diferença”. www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/marisa.html.
- SOUZA, Eneida Maria de. “A crítica biográfica como articulação entre os estudos literários e culturais”, in <http://www.letras.ufmg.br/gt/art-eneidabh.htm>.